
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

CADERNOS NEGROS NAS ENCRUZILHADAS LITERÁRIAS: AQUILOMBANDO SABERES EM TRAVESSIAS HISTÓRICO-EDUCATIVAS

Patrícia Cristina de Aragão¹ (UEPB)
e Robéria Nádia Araújo Nascimento² (UEPB)

RESUMO: Os *Cadernos Negros* reinventaram a cena literária brasileira ao inserir, de forma crítica, discussões étnico-raciais nas produções de autores/as negros/as. Este artigo analisa contos e poemas publicados entre 1978 e 1988, buscando compreender como a antologia articula literatura e educação na afirmação da negritude e na construção de perspectivas antirracistas. A partir dos contextos literário, histórico e educacional, o estudo evidencia como as narrativas do coletivo produzem representações de identidades negras, memórias históricas e experiências de enfrentamento ao racismo. Desse modo, argumenta-se que os textos dos *Cadernos Negros* constituem não apenas um projeto literário, mas também um importante espaço de formação crítica e produção de saberes históricos antidiscriminatórios.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira; *Cadernos Negros*; História e Memória; Práticas educativas.

CADERNOS NEGROS EN LAS ENCRUCIJADAS LITERARIAS: AQUILOMBANDO SABERES EN TRAVESÍAS HISTÓRICO-EDUCATIVAS

RESUMEN: Los *Cadernos Negros* reinventaron la escena literaria en Brasil al problematizar las discusiones étnico-raciales a la luz de las visiones lírico-poéticas de autores y autoras negras. Con el propósito de fomentar la reflexividad sobre la relevancia de estos escritos, no solo en el ámbito literario, este artículo establece una interfaz con la educación, en la medida en que considera los saberes producidos como afirmación de la negritud en el repertorio de la antología. Así, se privilegian los contextos literario, histórico y educativo, bajo un recorte temporal de los años 1978-1988, con el fin de evidenciar el carácter antirracista de los cuentos y poemas del colectivo. Por medio de estas estrategias, es posible develar representaciones discursivas de identidades, historicidades y racismos que atraviesan las memorias y las luchas antidiscriminatorias.

PALAVRAS CLAVE: literatura afro-brasileña; *Cadernos Negros*; Historia y memoria; Prácticas educativas.

1 patriciaaragaocristina@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0001-6888-9219>

2 rnadia81@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-1806-0138>



CADERNOS NEGROS IN LITERARY CROSSROADS: QUILOMBIZING KNOWLEDGE IN HISTORICAL-EDUCATIONAL CROSSINGS

ABSTRACT: *Cadernos Negros* reshaped the Brazilian literary scene by problematizing ethnoracial discussions through the lyrical-poetic perspectives of Black authors. To foster reflection on the relevance of these writings beyond the literary field, this article establishes an interface with education, considering the knowledge produced as an affirmation of Blackness within the anthology's repertoire. In this sense, literary, historical, and educational contexts are highlighted, with a temporal focus from 1978 to 1988, aiming to reveal the antiracist nature of the group's short stories and poems. Through these strategies, it becomes possible to unveil discursive representations of identities, historicities, and racism that permeate memories and antidiscriminatory struggles.

KEYWORDS: Afro-Brazilian literature; *Cadernos Negros*; History and Memory; educational practices.

Recebido em 11 de dezembro de 2025. Aprovado em 1 junho de 2026.

REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

Há 47 anos, em 1978, emergiam na cena literária nacional os *Cadernos Negros*, criados pelo escritor e poeta Cuti (pseudônimo de Luiz Silva) em parceria com o ativista e poeta Hugo Ferreira. Os primeiros escritos foram concebidos no CECAN - Centro de Cultura e Arte Negra, em São Paulo, que reunia jovens interessados em expor sua arte e seus pensamentos. A publicação é estruturada da seguinte forma: os números pares apresentam poemas, e os contos, são articulados nas edições ímpares. Trata-se de uma antologia de poesia e contos, elaborada por um coletivo de escritores/as negros/as, com a proposta de referenciar essas escritas e chamar a atenção para a memória cultural e para a importância das identidades. A apropriação do imaginário literário para processos de subjetivação de denúncia e de combate aos racismos teve, e tem, papel relevante na discussão e na superação dos estigmas de inferioridade atribuídos à negritude. Argumentamos que o conjunto desses escritos não só representou um espaço significativo de divulgação temática, mas também conferiu visibilidade às lutas travadas pela população negra, à medida que o lugar dessa literatura foi sendo forjado e fortalecido na sociedade brasileira, em confluência com as questões socioculturais da época.

As fronteiras eurocêntricas da literatura estabeleceram critérios sociossimbolicamente excludentes, com o objetivo de enquadrar e/ou desqualificar as existências, os saberes e as tradições históricas da negritude. Assim, os cânones literários descon sideraram, por muito tempo, as produções que refletiam a escravização diaspórica, privilegiando critérios de uma sociedade branca e elitizada. Em face dos saberes coloniais, como as escritas negras, em seus movimentos de resistência, contribuíram para a construção de um letramento de igualdade racial, por meio da literatura?

Autores como Florentina da Silva Sousa (2019) discutem a literatura produzida por escritores e escritoras negras e afrodescendentes, avaliando o seu caráter de vanguarda na abordagem e denúncia dos racismos e opressões, uma vez que essa vertente literária é recente, configurando-se no Brasil somente a partir de meados do século XX, quando as mazelas da escravidão de africanos e as problemáticas dela decorrentes vão sendo tratadas com aprofundamento, salientando a violência imposta pela escravidão no âmbito das vidas privadas e das sociabilidades. Tais escritores-precusores, nas palavras da autora, representam a participação ativa de intelectuais negros, antes silenciados e impedidos de atuar na cena pública brasileira. A partir de suas manifestações e protestos, os ecos de seus pensamentos convergem com as ideias de Evaristo (2012: 119), quando ela nos narra que as vozes negras gritam, poeticamente, as suas palavras, ao longo do tempo, mesmo de dentro de seus silêncios: “E não há mais quem arranque a nossa língua; o nosso verbo solto conjugou antes o tempo de todas as dores”.

Ampliando a reflexão em torno das questões fundamentais da negritude, outros escritores e poetas Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento e outros expoentes, foram expandindo a criticidade e a lucidez, notabilizando negros e negras na cultura brasileira. O conjunto dessas vozes deu origem aos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEABs), que redimensionam a cultura e a literatura afro-brasileiras e disseminam a história e a memória dos povos escravizados.

No que se refere à metodologia, este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, com o objetivo de analisar os *Cadernos Negros*, entre as décadas de 1970 e 1980, destacando sua dimensão educativa e social. Na temporalidade evidenciada, é possível identificar uma postura antirracista dos autores/autoras negros/as, o que transforma a coletânea em um importante artefato literário e cultural, sobretudo por dialogar com a Lei 10639/2003, que institui, para as diretrizes curriculares, o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana.

Nessa linha argumentativa, que busca promover interfaces entre literatura e educação, compreendemos a escrita negra como *locus* de resistência e luta antirracista, uma vez que a antologia dos *Cadernos Negros* se tornou um campo assertivo para a memória histórico-cultural dos afrodescendentes, instituindo a noção de representatividade para um grupo marcado pela exclusão, cujos direitos de cidadania foram negados. Portanto, o movimento crítico, instituído pelos *Cadernos*, notabilizou a literatura negra por meio de uma poesia afirmativa, capaz de expressar os saberes e os fazeres dessa população. Concordamos com Morigi *et al*, quando sinalizam que “A memória cultural é constituída por heranças simbólicas materializadas em monumentos, documentos, ritos, celebrações, objetos, textos, escrituras e outros suportes mnemônicos que possuem caráter dinâmico. Além disso, ela possui um papel fundamental na construção das identidades” (2013: 187).

Trata-se, portanto, de um importante coletivo literário dedicado à abordagem da luta antirracista no Brasil. As escritas revelam práticas e trajetórias de escritoras e escritores, cujos poemas e contos recontam histórias de dores e de negação social,

criando vínculos significativos com as trajetórias deste segmento étnico. Conforme assevera Santiago:

A produção literária de autoria de homens e mulheres negras perfilha tessituras, narrativas e versos comprometidos com histórias e elementos da memória ancestral e de tradições e vivências africanas e afrobrasileiras[...] A literatura negra caracteriza-se por figurar, entre outros aspectos, a afirmação de identidades negras; o foco discursivo com temas da vida e da população negra; e a ficcionalização e a poetização de repertórios culturais negros na história do Brasil, mas também no tempo presente Assim, a textualidade de escritores (as) negros (as), pautada na experiência, individual e coletiva, de torna-se negro (a) na sociedade brasileira, implica em cantar a afrodescendência, a resistência negra, mas também perfilhar os entraves e dilemas das relações sociais e, acima de tudo, étnico-raciais estabelecidos pelo racismo. (2020: 216)

Nesse sentido, os *Cadernos Negros*, como manifestação literária das causas e vivências africanas e afro-brasileiras, instituem novos caminhos de enfrentamento do racismo, que serão ilustrados, na sequência, a partir dos fragmentos em destaque.

A ARQUITEXTURA DA POÉTICA NEGRA: CENÁRIOS DOS CADERNOS NEGROS NA CENA LITERÁRIA BRASILEIRA

Eu,

Ébano que não morreu no temporal das
agressões doentias.

Força que floresceu no tempo das
fraquezas alheias.

Feito de Amor e Raça

E alegrias explosivas.

(Eu Negro, Cuti – *Cadernos Negros*)

A epígrafe de Luiz Silva, Cuti, sinaliza resistência e identidade, à medida que a herança afro-brasileira, a representatividade e a resiliência da etnia são entremeadas ao desejo de estimular a luta contra a opressão, apontando para uma força que “não morre”, apesar das adversidades. Ou seja, a dor do racismo e do preconceito transcende os espinhos para gerar a potência histórica do senso de coletividade, em direção aos elos do pertencimento. Assim, a memória do passado respalda a luta presente, cujas “agressões doentias” (narrativas dominantes) podem ser vencidas pela coletividade e a potência racial.

No grupo de formação inicial no ano de 1978, faziam parte oito integrantes entre os quais, segundo Zin, estavam “Henrique Cunha, Angela Lopes Galvão, Eduardo de Oliveira, Hugo Ferreira, Celia Pereira, Jamu Minka, Oswaldo de Camargo e Luiz Silva (Cuti)” (2018: 271). Estes/as escritores/as buscaram valorizar, conscientizar e

sensibilizar o público leitor em relação à discriminação social, recorrendo à via literária como mecanismo de denúncia. Essas vozes negras, em suas expressões subjetivas, ecoaram em festivais e se expandiram pelo país.

O primeiro número dos *Cadernos Negros* foi dedicado às poesias, sendo lançado em 1978 – inicialmente no Festival Comunitário Negro Zumbi (FECONEZU), em Araraquara, e posteriormente na Livraria Teixeira, no centro de São Paulo – concomitante a todos os protestos de ordem social e cultural que estavam ocorrendo no país e ao surgimento do MNU -Movimento Negro Unificado- em São Paulo e em outras capitais nacionais. (Oliveira Júnior 2017: 72)

Por meio de um canal literário independente, com fins de publicação coletiva, escritores marginalizados investiram em seus trabalhos, tornando-se conhecidos no Brasil ao narrar e preservar a memória da negritude, forjando relatos cotidianos, espaços de discussão, construção identitária e o combate ao racismo. Estas vozes negras, em suas potências discursivas, subjetivas e literárias, consolidaram a literatura afro-brasileira, reescrevendo protagonismos e desconstruindo estereótipos, uma vez que as narrativas, antes inferiorizadas e traduzidas por distorções de outros, passaram a articular as vivências dos sujeitos negros por meio de suas próprias vozes.

É útil assinalar que a literatura brasileira, inspirada nos valores da branquitude, tratava, até então, as autorias negras sob uma perspectiva objetificada, reproduzindo a visão eurocêntrica que entende os povos africanos e seus descendentes como seres destituídos de criticidade e inteligência. O viés literário contribuiu, dessa maneira, para ler e interpretar o Brasil, operando uma interlocução entre raça, memória, identidade e cultura. No contexto histórico ditatorial, conturbado por conflitos e segregações, a representatividade negra sinalizava uma conquista de cunho emancipatório, construída coletivamente.

Como defende Orlandi (2024: 35), a luta pela resistência é ação coletiva, não isolada, pois é capaz de reunir, em si mesma, as vozes que se aproximam e se renovam para justificar um fim maior. Ao assinalar o poder das palavras, a autora sugere a intervenção social da literatura como espaço de expressão relevante, que gera posturas afirmativas e replicativas no espaço público para reverberar propósitos de ressignificação do tempo presente, fortalecendo os elos das ideias compartilhadas: “aquilo que foi dito, vira coisa do mundo: ganha espessura, faz história”.

Assim, os acontecimentos do período setentista explicam a força de uma literatura insurgente, protagonizada pela escrita negra, e que, sobretudo, põe em evidência a questão racial. Nesses termos, os reveses históricos vivenciados pela população negra passaram a integrar as novas textualidades literárias, colocando em questão o lugar dos negros e negras na cultura brasileira, chamando a atenção para a sua produção artística. Nesse sentido, os *Cadernos Negros* são vetores de atuação da intelectualidade, convocando o coletivo ao combate ao preconceito racial, bem como à estigmatização do corpo e da história dos afrodescendentes, para que suas propostas e anseios questionem a violência imposta pelo ecossistema escravocrata e colonial.

É importante salientar, todavia, que os *Cadernos Negros* não apenas disseminaram a problemática do racismo, mas também atuaram na reconstrução da linguagem com finalidade de reflexão política, pois possibilitaram nuances de significação com perspectivas ideológicas, semânticas, objetivas, concretas, subliminares, entre outras.

Retornando ao pensamento de Orlandi (2024) percebemos que o texto literário articula um sistema de significação que não se configura como objetivo, fixo e biunívoco, mas sempre flexível e mutável, de modo que os sentidos que o signo pode assumir se vinculam às circunstâncias da historicidade e dos (re)usos da linguagem como ferramenta interativa intencional. À luz desse raciocínio, diferentes linguagens continuam estabelecendo relações de poder que dependem do capital simbólico (Bourdieu 2009) dos agentes e instituições sociais, cujos repertórios perpassam as discursividades, sobretudo quando nestas, o papel dos grupos marginalizados socialmente, não foi reconhecido, no passado, em seus valores e potenciais de transformação cultural.

Em outras palavras, a negritude carecia, no momento histórico da ditadura militar, de mecanismos de fala. Isto é, capazes de criar instrumentos de resistência e de registro político-social que traduzissem a voz dos movimentos negros por meio da palavra escrita. As novas narrativas, elaboradas pelos sujeitos discriminados, poderiam, enfim, fomentar mediações de leitura e práticas culturais significativas, apropriadas para contar as trajetórias de combate ao racismo. Ou seja, construir discursividades pela via literária, capazes de “articular processos de linguagem, tanto subjetivos como objetivos, tanto de natureza micro (o ambiente imediato controlado pelo sujeito), como macro (a estrutura social que escapa a esse controle) (Lopes 2014: 67)”. Por esse itinerário, observamos que essa literatura foi burlando o silenciamento para revelar quais materialidades históricas estavam sendo problematizadas nos escritos e nas vivências, por meio de códigos líricos e poéticos, não menos incisivos em suas intencionalidades. As instâncias de produção, narração e difusão literária forjaram, por meio dessas articulações, uma simbiose entre o mundo da poesia, do conto e do imaginário e o mundo social, por meio do poder de comunicação simbólica, que diz, denuncia e se opõe, sem ignorar as hierarquias epistêmicas.

Esse mecanismo simbólico é, para Barthes (2012), o vetor dos simbolismos discursivos. Nessa esfera, os *Cadernos Negros* se apropriam da literatura, em seu poder ilimitado de contar e recontar a vida, para criar e significar histórias, num movimento que constrói a memória social. É, portanto, esse movimento que tece o “rumor” permanente das narrativas, permitindo a interação entre o texto, o leitor e as culturas, por meio de narrativas que não apenas encantam pela beleza das palavras e suas conotações, mas também manifestam os fatos e as lutas coletivas. Ou seja, a escrita negra opera uma (re)atribuição de sentidos, na qual a materialidade do texto é fundante e motivadora das possibilidades de compreensão, ampliando os repertórios e as experiências de vida como superfícies valiosas de “novas leituras do real” (Sodré 2002).

As “leituras” mencionadas pelo autor supracitado referem-se à compreensão do mundo sob as óticas africanas e afro-brasileiras. No caso dos *Cadernos*, tais leituras

se fazem assertivas, porque atuam como pressupostos de estímulo à consciência política. Uma vez que o coletivo surgiu com o respaldo do MNU, os textos produzidos funcionam como ferramentas de denúncia do racismo institucionalizado e da violência que restringe a autonomia e a liberdade negras. A pertinência do pensamento de Muniz Sodré, sobre novas “leituras do real”, também inclui a valorização identitária de negros e negras, uma vez que mobiliza a sociedade a reconhecer a beleza da negritude, o que auxilia o combate às narrativas coloniais históricas que inferiorizam a ancestralidade africana, suas tradições culturais e seus modos de vida. Nesse raciocínio, é demarcada uma representatividade real e positiva, para que novas gerações de leitores negros, por meio dos textos publicados, não apenas enfrentem a discriminação, mas também se reconheçam como sujeitos capazes e ativos, importantes na formação da mesma sociedade que os diminui.

Teóricos da linguagem, como Bakhtin (Brait 2012), aqui mencionados em razão da sua relevância para o campo literário, e não devido a cor da pele, insistem na pertinência das relações dialógicas entre literatura e mundo social, ratificando os pressupostos da linguagem como escola de vida, espaço (po)ético e porta de entrada para a inteligibilidade histórica das culturas. Nesse aspecto, seu pensamento converge com o de Sodré (2002), sociólogo e pensador negro, na ênfase no papel das escritas e das oralidades, no que tange às propostas de mudança e ao apelo à representatividade. Dito de outra maneira, tais opções teóricas não nos desviam da tradição epistemológica do pensamento negro, uma vez que priorizamos o *locus* de enunciação negra, a partir dos *Cadernos*, reconhecendo, ainda, não só a intervenção literária significativa por eles realizada, mas também a sua dimensão política, que visa pensar as hierarquias eurocêntricas para a transformação de uma realidade opressora. Lembrando também que a matriz colonial que estrutura os preconceitos não se origina apenas dos problemas raciais, mas também se cruza com as malhas e tramas do capitalismo histórico.

A visão bakhtiniana, por sua vez, argumenta que um texto literário se abre à interpretação ao estabelecer conexões com a “leitura” do real, identificando nomes, vozes e significações que alimentam a vida coletiva. A correspondência entre historicidade, ação linguística e o espaço social constituem, nessa lógica, uma “modelização representativa literária que cria uma mediação intercultural e poética, entendida como um processo ativo e simbólico que permeia e organiza as possibilidades existenciais de qualquer linguagem” (Sodré 2002: 5). Juntos com o autor, percebemos que a problemática racial envolve, ainda, a geopolítica como outra chave de leitura oportuna para a crítica decolonial operada pelos *Cadernos Negros*. O conceito refere-se à dinâmica de poder que articula espaço, cultura e raça nos fluxos sócio-históricos, moldando as subjetividades humanas. A dominação ocidental e eurocêntrica hierarquiza povos, culturas e saberes.

Nesse processo, o pensamento universalista é entendido como uma redução das diferenças, impondo o conhecimento eurocêntrico como norma, deslegitimando grupos étnicos e realidades. Com isso, os valores de uma suposta superioridade atravessam territórios e atuam como instrumentos de dominação racial. Nesse escopo, a

colonialidade atua no domínio dos saberes e dos corpos negros, instituindo o racismo como eixo estruturante da vida coletiva.

Em estudo recente, Sodré (2023) considera que a questão racial irrompe no mundo como um tópico de “primeiro plano”, e não mais como mera “contradição secundária”, em linha de pensamento que entendia a categoria “classe”, do ponto de vista econômico, como suficiente para discutir questões raciais, já que o racismo seria uma “problemática menor” em comparação aos dilemas de uma sociedade geopolítica. Ao analisar a cultura sob um viés transnacional, nas intersecções das problemáticas de gênero, feminismo, etnia, sexualidades, o autor compreende que essas instâncias também sofrem os impactos perversos da naturalização de atos discriminatórios que desestabilizam a ordem social.

Essa conjuntura incide diretamente no discurso da literatura canônica, que se ancora na mestiçagem, presente em muitas obras, e não valida a autoria negra como produção significativa. Essa literatura colonizada e, muitas vezes, antropocentrada, tende a condicionar estereótipos que inferiorizam pessoas negras, construindo, para isso, pseudoidentificações distorcidas. Algumas escritas de cunho eurocêntrico agrupam adjetivações pejorativas sobre a negritude, em que homens negros são tratados como selvagens e inferiores, e as alusões a “mulheres negras” costumam vir acompanhadas de caracterizações como “pobres ou periféricas”, além de alusões recorrentes às mulatas em sentidos sexualizados.

Tais exemplos sinalizam a ideologia do branqueamento como pressuposto para legitimar a aceitação social dos negros, por meio da estigmatização de preconceitos racistas que hierarquizam, invisibilizam e desqualificam suas existências. Contudo, como assinala Fanon, numa perspectiva humanista, a oposição maniqueísta das raças brancas e negras, que promove os “condenados da terra”, por injustiças e estigmatizações, exige um foco analítico global e cosmopolita, para que “seja compreendida e desfeita, e não tratada de modo redutor, com verdades provincianas ou categóricas, mas que sejam ditas. Essas coisas eu as direi, mas não as gritarei, pois há muito o grito saiu da minha vida” (2020: 21).

Por analogia, os ditos e interditos racistas marcaram um contexto nacional que foi, nitidamente, denunciado pelo Movimento Negro, no período da ditadura militar, quando os Cadernos abordavam as desigualdades raciais existentes no país como forma de defesa da democracia racial, em oposição à colonialidade. Na percepção de Catherine Walsh (2006), o contrário desse movimento opressor depende de uma prática e um pensamento contínuos que buscam desconstruir e superar as lógicas de dominação, racismo e eurocentrismo.

Do seu ponto de vista, torna-se necessária uma independência política formal, calçada na reconstrução radical do poder, do saber e do ser, a partir das margens e dos povos subalternizados. Para Walsh, a decolonialidade advoga aspectos fundantes, norteados pela “superação do eurocentrismo”, que prevê o questionamento da hegemonia do pensamento ocidental (paradigma que situa a ciência e a cultura europeias como as únicas produtoras de conhecimento); a constituição de uma Pe-

dagogia Decolonial, cujo arcabouço se sustenta em práticas educativas de resistência e (re)existência para valorização de saberes ancestrais, populares e de grupos historicamente marginalizados (como indígenas e negros); a construção de um “Pensamento-Outro”, que não proponha, apenas, criticar a modernidade/colonialidade, mas criar, ativamente, novas formas de viver, conviver e organizar a sociedade, de modo democrático do ponto de vista racializado. As alternativas referidas exigem uma discussão aprofundada que, neste momento, ultrapassa os limites deste texto.

Walter Dignolo (2003) ressalta que o “pensamento-outro”, caracterizado como decolonialidade, articula um reordenamento da geopolítica do conhecimento sócio-humano em duas direções: a crítica da subalternização e dos conhecimentos invisibilizados, a exemplo dos saberes e fazeres do povo negro, e a emergência do pensamento liminar sob uma nova modalidade epistemológica que se fundamenta na interseção entre a tradição ocidental e a diversidade de categorias suprimidas pelo eurocentrismo.

Esses movimentos enfrentam, e continuam enfrentando, muitos desafios, no Brasil contemporâneo e no Brasil do passado, conforme asseveram Falabella e Freitas:

O impacto do golpe de 1964 e da Ditadura no Brasil sobre o movimento negro e suas atividades políticas se desdobrou em uma tentativa de incapacitar a articulação do próprio movimento. Durante esse período, a atuação política das comunidades de luta pelos afrodescendentes enfrentou severas dificuldades devido aos dispositivos de controle e repressão implementados pelo Regime Militar. (2025: 87)

Diante destes aspectos, percebemos que, enquanto havia denúncia de práticas racistas, havia também mecanismos de opressão que cerceavam os direitos de ativistas negros/as que resistiam ao regime ditatorial. Visto desse ângulo, notamos que o período da ditadura civil-militar no Brasil não apenas produziu inúmeros efeitos que desestabilizaram a sociedade brasileira, mas também afetou as lutas populares, nos âmbitos social, político, educacional e dos direitos humanos.

A esse respeito, Horbach discute que “a efervescência cultural motivou a construção de um dos maiores marcos daquele momento: a organização política do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, conhecido pela sigla MNU, em 1978” (2020: 164). Essa organização, atrelada aos coletivos literários e artísticos, foi um importante marco na crítica e no enfrentamento da ditadura, representando um papel importante e significativo nas lutas da população negra.

No âmbito de suas reflexões, Horbach sublinha a importância da afirmação sociopolítica da negritude, a partir dos dispositivos de enunciação artística:

A literatura negra era cada vez mais engajada no combate ao racismo. O uso da arte como ferramenta de denúncia da desigualdade e da discriminação racial era uma constante entre os escritores que participaram ativamente da organização de movimentos negros daquele momento, e era uma ferramenta

para reencontrar-se em sua negritude e criar um engajamento por parte do público negro. (2020: 168)

Se nos anos 70, observamos uma geração de militantes, artistas, escritoras e escritores, cujos engajamentos protagonizaram o debate racial, levantando reflexões e produções que versavam sobre a problemática, os anos 80 foram férteis neste debate. Entre os acontecimentos que marcaram a sociedade brasileira neste período está a promulgação da Constituinte e da Constituição de 1988. Para Gomes e Rodrigues: “Negras e negros organizados politicamente no Brasil sempre reconheceram que a luta contra o racismo não poderia acontecer separada da luta pela democracia. Por isso, no processo de retomada democrática dos anos de 1980 do século XX, o movimento negro foi um protagonista importante na construção da CF/88” (2018: 930).

O panorama da luta antirracista, em todas as suas esferas — política, social e educacional —, reverberou no campo da cultura, especificamente na literatura negra, quando novas conformações narrativas delinearão as escritas voltadas à promoção da igualdade. Alinhados a esse propósito, os *Cadernos Negros* vão abrir espaço para a presença feminina, por meio das abordagens de Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, além de outras escritoras, cujos poemas e contos marcaram o cenário de resistência necessário a esse período histórico. Transformados em espaços de disseminação de reflexões, contos e poemas encaminharam as reivindicações femininas.

Importa explicitar que a distinção que caracteriza a poesia das mulheres negras reside nos enfoques privilegiados, nos quais sobressaem-se narrativas de memória e tradição, desafios inerentes à maternidade, bem como descrições da opressão e dos abusos sofridos. A escolha de vocábulos, a linguagem e o estilo literário diferenciam essas escritas, ao implementar “imagens das demais atitudes e práticas sociais que impactam a experiência cotidiana feminina” (Duke 2007: 99). Esta poesia também se distancia da escrita masculina na forma como reflete “a luta de mulheres afro-brasileiras sobre o preconceito racial, bem como apresenta a discriminação de gênero” (Oliveira 2007: 158). Desse modo, identificamos, nessa literatura, elementos transgressores que desafiam o racismo e o sexismo.

Na memória e na história dos *Cadernos*, as mulheres tiveram um papel fundamental, notabilizando suas percepções e representações das condições do povo negro brasileiro, das violências e discriminações, e discutindo a liberdade do feminino em meio às restrições à sua autonomia. Por meio de contos e poemas, as mulheres externalizaram seus olhares sobre a situação de exclusão que silenciava a população negra na sociedade brasileira. Ao afirmarem a identidade, a história e a cultura negras, os *Cadernos Negros* atuaram como um registro da construção de subjetividades negras, à medida que a luta antirracista foi protagonizada pela produção literária periférica, sinalizando a valorização intercultural da diversidade.

Pereira (2016: 57) propõe que a autoria feminina “possibilitou que as mulheres negras e suas escritas literárias pudessem integrar os espaços de contestação das estruturas racistas, antes defendidos pelas vozes masculinas”. A partir dessas escri-

toras, outras vozes femininas integraram a antologia, compartilhando suas visões sobre essa realidade comum.

Ainda sobre a produção literária dos anos 80, Silva relata que o grupo, que se reunia no Cegan, criou o Quilombohoje: “um espaço para congregar a especificidade da discussão da literatura afro-brasileira” (2021: 11). Compreendemos, assim, que os *Cadernos Negros* contribuíram, sobremaneira, não apenas para a afirmação da identidade desse grupo, mas também fortaleceram as histórias e as culturas num viés afrocentrado, construindo a memória literária nacional, assim como uma memória antirracista.

Ao forjarem um dispositivo de denúncia e representatividade negra, permitindo que tais escritores/as tivessem a oportunidade de disseminar suas ideias, os contos e poemas dos *Cadernos*, ignorados pelo aporte literário canônico, faziam oposição ao racismo, e ainda resistiam para superar as barreiras impostas pelo cerceamento da ditadura. Como analisa Silva (2021), a complexidade da experiência das vidas negras, no enfrentamento de preconceitos, tornou os/as negro/as protagonistas de suas trajetórias, ao revelarem expectativas e projetos de transformação social. Além dos aspectos mencionados, os escritos uniam a negritude e motivavam a produção literária periférica, incentivando novos autores a também terem espaço para expressar seus talentos literários.

Tais escritas de contestação sugerem pensar o lugar, a identidade e a resiliência da população negra brasileira, apesar do contexto histórico de repressão. Consideramos, assim, que essas publicações, ao revelarem a poética da gente negra do país, apresentaram significativa dimensão educacional, convergindo com as proposituras da Lei 10.639/2003, que estabelece a inserção da história e da cultura da África e dos afro-brasileiros nos espaços escolares, como forma de promover o conhecimento sobre os saberes inerentes a essa etnia.

As escritas negras transcendem a temporalidade das publicações, gerando a circulação, a apropriação e a interação de novas práticas simbólicas que tornam o espaço literário um instrumento reflexivo e formativo para a justiça e a cidadania sociais. A visibilidade identitária concedida ao povo negro, nessas narrativas, constrói um viés sócio-histórico, que acolhe estudos e pesquisas escolares, capazes de informar e ressignificar a memória e a história brasileiras como dispositivos potentes de participação étnico-racial. Algumas alternativas ilustram a apropriação pedagógica das escritas para o estudo das realidades negras e de suas especificidades temáticas, sobretudo no que tange aos enfoques sensíveis, que condicionam a construção da memória aos valores ancestrais e identitários.

Na poética de Miriam Alves, o poema “Acordes”, publicado no volume 21 dos *Cadernos Negros*, traz referências à África e suas tradições culturais. Um instrumento musical angolano, denominado *quissanje*, desperta suas lembranças, mesmo em silêncio, ao ser colocado sobre a mesa. Os acordes logo o transportam para Quissange, em Angola, fazendo com que seja invadido pela nostalgia e saudade de uma terra que guarda boas memórias e que se faz representativa da resiliência africana. Tanto

a imagem afetiva evoca o passado da região, como abre o pretexto para se investigar e analisar qual o papel da música e das sonoridades no ensino-aprendizagem dos valores negros, tanto nas celebrações comunitárias como nos rituais sagrados, cujos acordes representam pontes para o acesso ao divino.

É relevante observar, ainda, como, na literatura africana, o papel dos griots confere vida a novos aprendizados. A denominação não somente se reporta aos indivíduos idosos, mas às pessoas que atuam nas comunidades negras como “guardiãs da memória”, contando histórias da tradição oral africana. Contudo, mais do que simples narradores, são historiadores, músicos, poetas e mentores espirituais que transmitem genealogias, mitos, preceitos e conhecimentos de geração em geração. Na obra “O Griot e as narrativas de tradição oral na sala de aula” (Nascimento e Martinelli Filho 2021), o investimento cognitivo contempla o trabalho docente, para apropriação dessas tradições, através de enfoques sobre a cultura negra. Ilustrada e descritiva, a obra promove a construção e a valorização da identidade e da memória cultural dos alunos, a partir das sabedorias africanas como eixos de reflexão. A dialogia é pensada com o recurso didático de histórias e lendas sobre a população negra, a fim de estimular a interação com os saberes de origem africana, a construção de uma identidade étnico-racial coletiva e a percepção de si entre pessoas negras para o enfrentamento do racismo.

É possível adotar os *Cadernos Negros* como *corpus* de análise nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de observar até que ponto as escritas descolonizam o cânone e promovem uma educação antirracista. Os mecanismos narrativos, presentes em contos e poemas, podem ser uma chave de leitura para debates escolares sobre o racismo estrutural e a valorização da subjetividade negra, incluindo os significados identitários e os indícios que circundam as lutas sociais que forjam o protagonismo negro. As coletâneas podem mobilizar a leitura e a reescrita de contos e poemas, a partir da seleção de elementos discursivos que retratem o cotidiano, a infância, as histórias intergeracionais ou as relações que unem as famílias negras, para a apreensão dos valores da empatia, da solidariedade, da convivência comunitária.

Também são metodologias interessantes que viabilizam a aplicação da Lei 10.639/2003 nos ambientes educativos: a realização de oficinas de Poesia e Escrita Criativa, a partir da pesquisa nos *Cadernos*, de modo a estimular os alunos a criar seus próprios versos, favorecendo a imaginação, a autonomia e a expressão de suas vivências. Clubes de leitura são outras ferramentas de construção do conhecimento, pois permitem estruturar rodas de leitura para debater temas como identidade negra, ancestralidade e resistência. Propor análises comparativas entre os *Cadernos Negros* e o cânone literário, a fim de problematizar a representação estereotipada de personagens negros em obras brasileiras, é outra possibilidade pedagógica para avançar o letramento e a formação de leitores, estimulando o raciocínio e a apreensão das narrativas, enriquecendo o repertório dos estudantes.

Em Esmeralda Ribeiro, o poema “Cenas de Emoções”, trata de relações afetivas entre mãe e filho, assim como de amor romântico. O texto aborda práticas rituais do Candomblé. A escrita realiza uma paráfrase da linguagem cinematográfica, dividida

em seis partes, que funcionam como subtítulos narrativos: Gravando!, Em off, Dublê, Zoom, Travelling e Fim. A autora aciona o Eu lírico para iniciar os diálogos com o filho, nos quais entrelaça histórias do seu relacionamento. Ela desabafa sobre suas frustrações femininas e conclui que deve “fazer um Eboh com arruda e alecrim” para abrir seus caminhos amorosos. Trata-se de uma oferenda que promove um processo de limpeza espiritual de si mesma e da sua casa. Notamos que o instrumento de limpeza, próprio do universo sagrado candomblecista, aparece em letras maiúsculas, com o intuito de indicar a fé nos Orixás como proteção para uma mulher negra que enfrenta a maternidade e o abandono afetivo. A discussão que permeia os versos reverbera a figura de uma mulher negra “despedaçada”, que, em meio às decepções e tensões do amor conjugal, reinventa sua identidade. Essa escrita pode ser útil para ancorar discussões sobre a religiosidade de matriz africana e os preconceitos que afetam as mulheres no que tange à liberdade sexual, bem como para mediar análises sobre o conceito fluido da identidade feminina negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As encruzilhadas literárias percorridas, e que nomeiam este texto, apenas sugerem a potência dos caminhos interpretativos, apontados pelos *Cadernos Negros*, no que tange às travessias histórico-educativas que se mostram abertas para novos saberes sobre identidades e resistências de caráter étnico-racial. O ato de aquilombar, na perspectiva da africanidade, revela a ação de transmutar o conhecimento, a memória e a ancestralidade africana em ferramentas de luta, denúncia, acolhimento, afetividade e emancipação. Desse modo, nossa apropriação conceitual alude à estrutura de organização dos quilombos, espaços históricos de memória que agregam pessoas semelhantes em suas partilhas de cosmovisões, ancestralidades e práticas, ainda marginalizadas pelo racismo decorrente das opressões colonizadoras. Aquilombar os saberes que perpassam os *Cadernos Negros*, tanto do ponto de vista literário quanto do pedagógico, implica trabalhar em prol da consolidação das subjetividades e identidades culturais da população afrodescendente, entendendo-as como oportunidades de valioso aprendizado sobre sua cultura e suas tradições.

Nesse sentido metafórico, mas que oferece a materialização de pedagogias transformadoras, a literatura negra corresponde, também, a um manifesto histórico, difuso e popular, sobre a nação brasileira e sua diversidade. A poesia que perpassa os escritos foi convertida num lugar privilegiado, de onde se anuncia uma história negra representada por vidas e analogias, para além das incursões estéticas e narrativas realizadas, motivando a criação de novas sensibilidades e sociabilidades, ao discutir e problematizar temas importantes relacionados à época elencada para o estudo, no sentido de fazer valer um “pensamento-outro”, capaz de representar os princípios da decolonialidade, assim como discute Catherine Walsh e Walter D. Mignolo, articulando um reordenamento da geopolítica do conhecimento socio humano que combata a subalternização e a invisibilização da negritude e de seus valores, na emergência do pensamento liminar de uma nova modalidade epistemológica. No diálogo com esses

autores, a decolonialidade se fundamenta na interseção entre a tradição ocidental e a diversidade de categorias suprimidas e negadas pelo eurocentrismo em seus mecanismos de desigualdade.

Portanto, entendemos que a dinâmica dos *Cadernos Negros* tanto cumpre uma função literária, como a coletânea assume finalidades educativas, formando gerações para a cultura e a memória da negritude, que se fazem e se refazem num espaço de lutas, partilhável e assimilável, que nos ajuda a compreender o enfrentamento de preconceitos e estigmas sobre a população negra, por meio de problemáticas anteriormente ignoradas pelo cânone literário.

Com responsabilidade social, os *Cadernos Negros* articulam um campo de interlocução de saberes, convocando a “abrir uma janela” diversa que exhibe múltiplos aspectos da sociedade brasileira, cujas dinâmicas são atravessadas pelo racismo e pela subordinação negra, representados pelas escritas poéticas que conduzem à reflexão sobre seus desdobramentos e consequências. Reunindo expressões multiformes dos contextos negros e de suas lutas por visibilidade e justiça racial, as escritas revelam potencialidades educativas para a formação de posturas críticas e antirracistas.

Educar as novas gerações de adolescentes e jovens na escola, considerando esses aportes literários, pode configurar entrelaçamentos de sentidos que geram um trânsito criativo de saberes que explicam o que é ser negro nas décadas de repressão, permitindo a formulação de novos conceitos e possibilidades interpretativas sobre a história do nosso país, por meio da formação de identidades individuais e coletivas que narram os dramas do racismo. Pensamos, assim, que os *Cadernos Negros* pressupõem uma imaginação política negra, por meio da literatura, que contribui para os processos de emancipação do povo negro na transformação permanente das realidades que o inferiorizam.

Escritores/as negros/as poetizam as ancestralidades, denunciam as colonizações de atos e pensamentos, opondo-se às ditaduras político-coloniais, sem temer, com seus escritos os confrontos étnicos, os enfrentamentos das explorações e das relações hierárquicas, que tentaram (e ainda tentam) silenciar as suas existências, vozes e relatos. De palavra em palavra, de verso em verso, Os *Cadernos Negros* foram (e vão) nos convocando à indignação, à literatura participativa, interpondo-se como um constructo cultural representativo, marcado pela (re)existência negra, inventando dispositivos metafóricos poderosos, que criam uma linguagem que versa, literalmente, sobre as (des)razões de uma subalternidade que persiste. Esses modos de educar/escrever estabelecem, portanto, um letramento potente de igualdade racial, por meio da literatura, ativando “a construção de novas subjetividades nos modos de ser e sentir, em uma visão interseccional de categorias como as de classe, raça/etnia, lugar e gênero” (Akotirene 2008: 13).

Como também corrobora Hall (2013), tais questões culturais só podem ser desveladas por seus pontos de conexão, o que envolve, não apenas, a oralidade e a escrita, mas os contextos extraverbais, que tecem a história, influenciam as interlocuções e manipulam os ditos e interditos. Assim, a análise dos *Cadernos Negros* requer uma

interpretação sociocultural, na qual a concepção de “contexto”, como superfície derivada de cruzamentos e interfaces, expõe as entrelinhas poéticas, os efeitos de lugar e dos não-lugares, como superfícies potenciais, geradoras de novos significados, dados à interpretação por meio da interação dos leitores em suas vivências coletivas sobre ou com a negritude.

Motivados por Larrosa e Skliar, “lembrar o passado para entendermos o papel da memória, existe para nos dotar de uma contramemória; que não confirma o presente, mas que o inquieta; que não nos enraíza no presente, mas que nos separa dele” (2001: 7) na rota das mudanças e ressignificações de posturas discriminatórias. Esse movimento é que deve mover nossas inquietações, hoje e amanhã, oferecendo-nos elementos para pensar e desconstruir os estereótipos de exclusão. Sob essa lógica, a literatura negra é um espaço que atravessa a vida cotidiana com seus ruídos e inquietudes, transformando-se em matéria-prima de uma poética libertária, com efeitos de sentido antirracistas.

OBRAS CITADAS

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Miriam. *Juntar pedaços*. São Paulo: Malê, 2021.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 2012.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

DUKE, Dawn. How She Strikes Back: Images of Female Strength in Esmeralda Ribeiro's Writing. Niyi Afolabi, Márcio Barbosa & Esmeralda Ribeiro (org.). *The AfroBrazilian Mind: Contemporary Afro-Brazilian Literary and Cultural Criticism*. New Jersey: Africa World Press, 2007. 91-108.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. Liane Schneider & Charlton Machado (orgs). *Mulheres no Brasil: Resistência, lutas e conquistas*. João Pessoa: EDUEPB, 2012. 201-212.

FALABELLA, André Cavalcante & Rita de Cássia Souza Tabosa Freitas. Memória e Verdade: uma análise sobre a perseguição, os desafios e a resistência negra no contexto da Ditadura Militar. *Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas*, Bebedouro, v. 13, n. 1, p. 84–114, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.25245/rdsp.v13i1.1569>.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HORBACH, Ana Laura. Autoria e resistência negra na ditadura civil-militar no Brasil. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 158–176, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1981-4526.104956>.

LARROSA, Jorge & Carlos Skliar. *Habitantes de Babel*. São Paulo: Autêntica, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *Matrizes*. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 65-80, jan./jun. 2014. Disponível em: https://revistas.usp.br/matrizes/pt_BR/article/view/82931/85965.

GOMES, Nilma Lino & Tatiane Cosentino Rodrigues. Resistência Democrática: a questão racial e a Constituição Federal de 1988. *Revista Educ. Soc.*, Campinas, v. 39, n. 145, p. 928-945, out.-dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018200256>.

MIGNOLO, Walter. *Histórias Globais/projetos Locais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MORIGI, Valdir Jose et al. *Memória cultural na construção das identidades e mapas imaginários de práticas culturais étnicas*. *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande, v. 5 n. 10, p. 185-208, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3676/2958>.

NASCIMENTO; Márcia Helena do & Nelson Martinelli Filho. *O Griot e as narrativas de tradição oral na sala de aula*. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2021.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Bethania Mariani et al. *A linguagem e seu funcionamento: 40 anos... e mais*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2024. 21-60.

OLIVEIRA JÚNIOR, Lenivaldo Idalino. *Cadernos negros: entre a arte literária e a luta pelos direitos da população negra brasileira (1978-1988)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. *Perspectivas femininas afro-brasileiras em Cadernos Negros (contos) Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves*. Tese de (Doutorado em História da Literatura) – Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande, 2016.

RIBEIRO, Esmeralda. *Cadernos Negros 23. Cenas de Emoções. Poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2024.

SANTIAGO, Ana Rita. Literatura de autoria negra: um canto de resistência à afrodescendência. *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 21, n.37, p. 212-230, jan./jun. 2020.

SILVA, Andressa Marques. O Quilombhoje, o grupo Negrícia e o debate pioneiro sobre o ensino de literatura afro-brasileira nos anos 1980. *Cerrados*, Brasília, v. 30, n. 57, p. 9-18, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/39551>

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUZA, Florentina da Silva. *Olhares sobre a literatura afro-brasileira*. Salvador: Quarteto, 2019.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. Catherine Walsh, Alvaro G. Linera & Walter Dignolo. *Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento*. Buenos Aires: Del Signo, 2006. 21-70.

ZIN, Rafael Balseiro. Literatura e Afrodescendência no Brasil: condições e possibilidades de emergência de um novo campo de estudos. *Caderno Seminal Digital*, v. 29, n. 29, jan./jun. 2018). Disponível em: <https://doi.org/10.12957/cadsem.2018.30978>.